

INIMIZADES GEOPOLÍTICAS E PÓS-COLONIALISMO NO CONTEXTO DO ROMANCE *NEIGHBOURS*, DE LÍLIA MOMPLÉ

GEOPOLYTIC ENEMIES AND POST-COLONIALISM IN THE CONTEXT OF ROMANCE *NEIGHBOURS*, BY LÍLIA MOMPLÉ

*Claudia Letícia Gonçalves Moraes*¹
*Rayron Lennon Costa Sousa*²

RESUMO

Este ensaio propõe uma análise crítica do romance *Neighbours* (1995), da escritora moçambicana Lília Momplé, destacando as vizinhanças de inimizade entre Moçambique e África do Sul no período pós-independência como mote central da narrativa e da mobilização de suas personagens. Assim, pretende-se observar como a animosidade entre os dois países desenha um quadro de instabilidade social no Moçambique pós-independência dos anos 1990, conformando uma série de violências que constituem o cotidiano moçambicano assustador, bem como outros conflitos de ordem geopolítica e social que se estabeleceram no pós-colonialismo. Para análise teórica dos aspectos destacados serão utilizados autores como Achille Mbembe (2017, 2018), Jéssica Falconi (2015, 2012), Anselmo Peres Alós (2011) e Ana Mafalda Leite (2004), dentre outros autores. Esses nos auxiliarão na discussão acerca do conceito de pós-colonialismo e na crítica ao painel violento de vizinhanças geopolíticas baseadas nas políticas de inimizade entre países fronteiriços envolvidos em intrincadas dinâmicas de circulação de sujeitos que culminam em acirrados conflitos em contextos pós-coloniais.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Moçambicana. Políticas da Inimizade. Pós-Colonialismo.

ABSTRACT

This essay proposes a critical analysis of the novel *Neighbors* (1995), by Mozambican writer Lília Momplé, proposing a reading that analyzes the neighborhoods of enmity between Mozambique and South Africa in the post-independence period that present themselves as the central motto of the narrative and mobilization of your characters. Thus, it is intended to observe how the animosity between the two countries draws a picture of social instability in post-independence Mozambique in the 1990s, shaping a series of violence that constitute the frightening Mozambican daily life, as well as other geopolitical and social conflicts that settled in post-colonialism. For theoretical analysis of the highlighted aspects, authors such as Achille Mbembe (2017, 2018), Jéssica Falconi (2015, 2012), Anselmo Peres Alós (2011) and Ana Mafalda Leite (2004) will be used, among other authors to assist us in the discussion about the concept of post-colonialism and in the criticism of the violent panel of geopolitical neighborhoods based on the policies of enmity between border countries involved in intricate dynamics of movement of subjects that culminate in fierce conflicts in post-colonial contexts.

KEYWORDS: Mozambican literature. Enmity Policies. Post-Colonialism.

INTRODUÇÃO

Pensar as relações culturais, identitárias e, numa macro escala, as animosidades geopolíticas entre países vizinhos que incidem na vida íntima de civis é lançar um olhar perspicaz para as representações proporcionadas pelas literaturas contemporâneas, considerando mais especificamente o contexto das literaturas africanas de língua portuguesa. No caso de Moçambique, tem-se o exemplo da autora Lília Maria Clara Carrière Momplé, cujo escopo de obras transita entre contos (*Ninguém matou Suhura* [1988] e *Os olhos da cobra verde* [1997]) e um único romance, *Neighbours*, escrito em 1995. Este último é nosso objeto na presente análise por proporcionar um panorama de Moçambique no período pós-independência, no ano de 1985, em que FRELIMO e RENAMO estavam ainda em guerra civil e, para além disso, por escancarar as conturbadas relações de vizinhança entre Moçambique e a África do Sul no período do *apartheid*.

O romance considera as relações entre os dois países (daí o título metafórico “vizinhos”, que ultrapassa o plano da narrativa da vida das personagens) e os constantes atritos vindos desse choque cultural, assim como o cotidiano de Moçambique, por vezes representado como assustador, assim como outros conflitos sociais que se estabeleceram no período pós-colonial. Na apresentação do romance a autora explicita:

Sempre me impressionou a permanente e trágica ingerência da minoria racista da África do Sul no meu país onde, sobretudo na década de oitenta, incontáveis moçambicanos viram o

rumo das suas vidas desviado ou, simplesmente, deixaram de existir, por vontade e por ordem dos defensores do *apartheid*. (MOMPLÉ, 2012, p. 7)

Deste modo, o romance em análise traz como ponto de discussão os conflitos armados a partir da presença agressiva da África do Sul em Moçambique e os consequentes atritos acontecidos durante o período do *apartheid*, onde os atos de violência da primeira sobre o segundo eram frequentes. Isto posto, a presente pesquisa enfocará uma fundamentação teórica que dialoga com autores como Achille Mbembe (2017), Jéssica Falconi (2015, 2012), Anselmo Peres Alós (2011) e Ana Mafalda Leite (2004) para fundamentar as discussões sobre aspectos históricos e conceituais do pós-colonialismo e como esses se refletem na literatura da autora. Também serão discutidas como as políticas de inimizade (termo cunhado por Mbembe em sua obra homônima que aqui será utilizada como referencial teórico para nossa discussão) se instauram e reproduzem em territórios pós-coloniais, considerando a produção da autora como possibilidade de representação artística de um contexto real de violência entre países fronteiriços.

PRÁTICAS DA INIMIZADE EM CONTEXTOS PÓS-COLONIAIS

O conceito de pós-colonialismo surge como uma resposta efetiva e um possível rompimento com os paradigmas que historicamente deram sustentação às “grandes narrativas hegemônicas”, ou seja: a hegemonia eurocêntrica ocidental que se fez detentora, durante séculos, da tríade saber-poder-verdade (FOUCAULT, 2008), constituída, *a priori*, pelos grandes impérios europeus do século XIX e, em menor escala, pelo neocolonialismo do século XX.

Para compreender as tensões pós-coloniais que permeiam o romance de Lília Momplé aqui em análise é importante contextualizar o período em que a narrativa se passa: na década de 1980 Moçambique passou por constantes atentados impetrados pelo regime do *apartheid* sul-africano. Estes consistiam em ataques que culminavam em assassinatos cometidos contra civis moçambicanos, na intenção de provocar o terror e criar um constante clima de instabilidade, com a finalidade de desestruturar o governo da FRELIMO que assumira o poder no país um ano após sua independência de Portugal. Um desses episódios de terrorismo factual, ocorrido em Maputo em maio de 1985, serviu de inspiração para Momplé criar seu romance. A escolha do título, segundo a autora, surgiu quando, ao assistir a uma exposição da pintora Catarina Temporário³, conheceu um de seus quadros denominado *Neighbours*: “que transmitia uma sensação de agressividade difícil de suportar [...] e referia-se à sinistra vizinhança do *apartheid*” (MOMPLÉ, 2012, p. 7-8). Assim, a periferia de Maputo é cenário desses acontecimentos, lugar em que surgem encontros entre pessoas de distintas origens e que culminam em um episódio assustador para o país.

A partir desta colocação inicial, é possível pensar, no âmbito teórico, como a hegemonia predominante passa a ser contestada a partir do estabelecimento do pós-colonialismo, que indica tanto um recorte temporal (após

o período colonial), quanto um corpo de teorias que visam alguns pontos: interrogar acerca de sua própria identidade, revisar as históricas relações de dominação do colonialismo e promover uma reflexão sobre a introjeção de uma visão de mundo colonizadora que se propõe universal e naturalizada para, afinal, propor uma guinada subjetiva que leve em consideração suas próprias demandas. Na esteira desta colocação, e avançando para a discussão das literaturas produzidas no contexto pós-colonial que nos interessa mais especificamente, Ana Mafalda Leite faz a seguinte assertiva em obra denominada *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*:

O termo Pós-colonialismo pode entender-se como incluindo todas as estratégias discursivas e performativas (criativas, críticas e teóricas) que frustram a visão colonial, incluindo, obviamente, a época colonial; o termo é passível de englobar além dos escritos provenientes das ex-colônias da Europa, o conjunto de práticas discursivas, em que predomina a resistência às ideologias colonialistas, implicando um alargamento do corpus, capaz de incluir outra textualidade que não apenas das literaturas emergentes, como o caso de textos literários da ex-metrópole, reveladores de sentidos críticos sobre o colonialismo.(2004, p. 10)

Neighbours, em sua complexa urdidura e como importante representante da literatura moçambicana, traz outro ponto de inflexão importante de ser destacado: a conjuntura política de Moçambique de fins da década de 1980, que tinha inserida em seu caldeirão cultural conflitos oriundos da capital Maputo. Assim, a cidade era palco do recente processo de independência e seus insistentes conflitos entre forças políticas distintas (FRELIMO e RENAMO são recorrentemente citados ao longo do romance)⁴. Outro ponto importante são as adversidades externas, estas mais extensamente exploradas na figura das personagens de Momplé, que surgem como agentes trabalhando em prol da África do Sul e de seu processo contínuo de desestabilização do governo moçambicano. Na concepção de Anselmo Peres Alós: “No projeto ficcional de Lília Momplé, torna-se evidente um esforço de vencer a amnésia social, com vistas a manter vivas as recordações das violências e arbitrariedades colonialistas”.(2011, p. 155). Essa colocação corrobora com a proposta de literatura como crítica pós-colonial numa concepção de denúncia dos acontecimentos no país, fazendo uso da estética literária para pensar a realidade social a partir de uma dicção que se utiliza da possibilidade de narrar sua própria história. Segundo Jessica Falconi em seu texto “Literaturas africanas, língua portuguesa e pós-colonialismos”,

[...] podemos falar de pós-colonialismos também para nos referirmos a um conjunto mais amplo de paradigmas e pensamentos que têm vindo a questionar a hegemonia das geografias e narrativas da modernidade ocidental, elaborando epistemologias e saberes alternativos aos vários orientalismos, privilegiando-se, assim, uma visão contrapontística das produções teóricas e intelectuais desenvolvidas em contextos distintos. (2012, p. 205)

O período da história retratado pela autora é descrito de forma realista, representando um olhar que escrutina a desigualdade social, a corrupção política, as crises de fome, os deslocamentos do campo para a cidade e os atentados que culminavam sistematicamente em mortes de civis. Todos esses elementos compõem o pano de fundo de *Neighbours*, no qual a autora se preocupa em delinear este momento importante do país marcado por uma vizinhança situada geopoliticamente e calcada no que o filósofo camaronês Achille Mbembe denomina como “políticas da inimizade”. Ao refletir sobre o longo processo de neocolonização que se pôs em marcha no continente africano desde o início do século XX e que ainda hoje é decantado de forma traumática, o autor nos traz a seguinte reflexão:

Em larga medida, colonizar consistia num permanente trabalho de separação – de um lado, o meu corpo vivo, do outro, todos os corpos-coisas que o envolvem; de um lado, a minha carne de homem, pela qual todas as outras carnes-coisas e carnes-viandas existem para mim; de um lado, eu, por excelência, tecido e ponto zero de orientação do mundo; do outro, os outros, com quem nunca poderei fundir-me totalmente, que posso trazer a mim, mas com quem não poderei verdadeiramente manter relações de reciprocidade ou de mútuo envolvimento. (MBEMBE, 2017, p. 77-78).

Assim, estes corpos-coisas, estas carnes-viandas que jamais poderiam ser consideradas “humanas” são constantemente violentadas, subalternizadas e assassinadas por grupos que consideram sua causa, que é também e sempre a causa colonial, mais importante que a vida destes “grandes outros”. Os três apartamentos escrutinados ao longo da trama da autora se envolvem em um atentado, deixando rastros de morte de civis moçambicanos implicados em um dos muitos ataques engendrados por sul-africanos e moçambicanos. Assim, no propósito de instaurar o caos no país, os atentados eram feitos de tal modo a confundir a população e gerar um clima de instabilidade, tal como fica claro no trecho: “Propositadamente, deverá parecer que os atacantes tenham confundido o alvo da sua ação, pois o objetivo da missão é provocar a insegurança e o pânico entre a população e, ao mesmo tempo, a revolta contra o Governo moçambicano por apoiar o ANC⁵” (MOMPLÉ, 2012, p 125-126).

O romance deixa bastante claro como tanto sul-africanos de nacionalidade quanto uma parcela dos próprios moçambicanos consideravam Moçambique um país ainda a ser tutelado, evidenciando um pensamento de forte componente colonial que considera a África do Sul como um país “civilizado”, enquanto seu vizinho Moçambique é tido como ainda atrasado:

[...] um agente da África do Sul, “um país formidável, um país adiantado em tudo, governado por gente que sabe o que faz e que só quer ajudar os moçambicanos a sair do atraso”. [...] Indagado sobre a natureza de tais trabalhos, Romu informou que era coisa pouca... só apoiar a liquidação de alguns indivíduos incômodos para os vizinhos e amigos sul-africanos que só queriam ajudar Moçambique. (MOMPLÉ, 2012, p. 71).

É esta imagem discrepante que pinta a África do Sul como um país bem gerenciado, em contraposição a Moçambique que, segundo os sul-africanos, precisa de sua condução para se tornar um grande país. Nesse olhar lançado como se Moçambique fosse um país incapaz de se autogerenciar, com necessidade de ser transportado para a civilização pelas mãos da África do Sul – mesmo que no processo isso custasse vidas de civis moçambicanos – se observa como os dispositivos pós-coloniais se atualizam a partir de um aparato simbólico que atua no sentido de classificar países, populações ou povos como “menos civilizados”.

Tendo sido Moçambique colônia de Portugal até o ano de 1975, o episódio narrado por Momplé acontece dez anos depois, evidenciando como, mesmo após a independência, esta imagem da ex-colônia como “um mundo não humano” permanece, estando a vida de sua população à mercê de ataques nunca esclarecidos. É nessa ingerência que a violência, seja de estado ou de outros atores, explode sem nenhum controle e sem nenhum tipo de punição, daí o conceito de estado de exceção colocado por Mbembe como uma circunstância em que, por excelência, direitos são sistematicamente violados.

TRÊS APARTAMENTOS COMO ITINERÁRIOS DE VIDAS CONTEMPORÂNEAS EM MAPUTO

O romance de Lília Momplé tem como tema subreptício os abusos causados pelo *apartheid* para além do território sul-africano, daí a importância de observar como o foco está em uma perspectiva que ultrapassa o plano de um único país e trabalha os conflitos explícitos que tensionaram as relações entre Moçambique e África do Sul no período pós-independência.

Desse modo, a construção ficcional da autora lança mão de um arranjo interessante: a autora opta por uma organização textual que alicerça sua narrativa em cinco capítulos, a princípio autônomos entre si, que correspondem às horas da noite e culminam com o último capítulo que se passa pela manhã (19h, 21h, 23h, 1h e 8h). Cada hora desta longa noite, que se encaminha para desembocar no clímax do romance, é dividida em subcapítulos que tomam como foco os acontecimentos em cada um dos apartamentos vizinhos e o cotidiano de seus moradores⁶, nos apresentando suas tradições culturais e suas histórias de vida. Essas últimas, narradas progressivamente, nos proporcionam conhecer personagens complexas que vivenciaram parte importante da história recente do país. A narração de Momplé, articulada nesses capítulos e subcapítulos que dão ênfase aos protagonistas de cada apartamento, nos apresenta vidas que se tocam no fim do romance por meio da tragédia maior que se abate sobre elas.

A primeira narrativa, centrada no apartamento de Narguiss, traz à tona aspectos ligados à cultura islâmica e, mais especificamente, à comemoração do Ide. Esta personagem é esposa de Abdul, um rico comerciante

que manda mulher e filhas morarem em Maputo para que ele pudesse se estabelecer com a jovem amante na cidade natal. Assim, Narguiss sofre com a ausência do marido, que não comemora o Ide com a família por estar na cidade de origem com a “macua, ladra de maridos” (MOMPLÉ, 2012, p. 12).

O segundo apartamento foco da obra apresenta um cenário de extrema precariedade: habitado por uma família pobre, composta pelo jovem casal Leia e Januário, que já têm uma filha, Íris, além de esperarem outro bebê. No início daquela fatídica noite é descrita apenas a espera de Leia pelo marido, junto com a filha, e após a chegada deste a voz narrativa muda de foco para refletir sobre as parcas condições materiais não só desta família especificamente, mas do contexto de todo um corpo social habitante das periferias de Maputo naquele momento histórico: cortes de energia e alimentação escassa são dificuldades de grande parte da população da cidade.

Já o terceiro apartamento apresenta um clima tenso, pertencendo a Mena e Dupont, que aguardam convidados para um jantar de negócios. Lá as personagens estão apreensivas e o motivo do nervosismo vai se deslindando, na narrativa, como algo que afetará a vida de todas as personagens. As visitas especialmente aguardadas são dois sul-africanos, conhecidos de Dupont, que juntamente com os dois convidados que já estão no apartamento planejam o atentado que acontecerá na madrugada dessa longa noite em que se passa o romance.

A narrativa transita entre os três apartamentos, revezando seu foco e expondo lentamente as tensões e as violências que crescem até o clímax do romance. Assim, embora para algumas personagens como Leia e Muntaz morar em Maputo represente a possibilidade de autonomia e autorrealização, essas perspectivas são frequentemente postas em ameaça pelas exigências do patriarcado, pela fome, pelas dificuldades materiais, pelo aparato burocrático que dificulta a vida dos cidadãos e desilude as expectativas populacionais quanto ao governo vigente, dentre outros empecilhos que não permitem a realização das personagens (DÍAZ-SZMIDT, 2014). Interessante observar como a autora, para além do momento vivido pelas personagens, traz também suas histórias de vida antes de serem vizinhas em Maputo e, com isso, traz à tona memórias de eventos marcantes que, antes mesmo de acontecerem, já deixavam uma atmosfera no ar, tanto na capital quanto no interior do país:

Há muito que Januário sabia que uma guerra se alastrava pela colônia. Alguns dos seus colegas falavam-lhe também de um movimento nacionalista, chamado FRELIMO, que lutava nas matas. E o próprio aparato bélico que a cidade de Nampula ostentava, com tropa e carros militares circulando a toda hora, só podia ser compreendido como a retaguarda de uma guerra. Porém, nesse dia memorável em que brancos enfurecidos forçaram a expulsão de outro branco tão importante como o bispo de Nampula, Januário teve, pela primeira vez, a percepção de que algo irreversível estava para acontecer na sua terra. (MOMPLÉ, 2012, p. 53)

Esses conflitos que grassavam no interior, advindos da Revolução dos Cravos⁷ e prenunciando a independência e todo o seu desenrolar, eram uma amostra dos insistentes problemas da sociedade moçambicana, permeada por episódios de violência que atingiam tanto os habitantes do interior quanto os da capital. Assolada pelas mazelas de uma gestão que não era capaz de suprir as demandas de sua população, além dos constantes problemas gerados pelos atentados causados pela RENAMO e pela África do Sul, Maputo se tornava presa fácil de casos de abusos que nunca eram resolvidos, como colocado no seguinte trecho: “[...] já são comuns os atentados contra refugiados do ANC. Só da última vez foram mortos oito, na Matola. O comando sul-africano veio, matou e foi-se embora, sem que nada lhe acontecesse” (2012, p. 140).

Outro exemplo está na apresentação dos alunos de Januário, que se tornara professor ao chegar na capital. A autora expõe os problemas que atingem esta população de moçambicanos de forma perene:

Estes são, na sua maioria, homens e mulheres ensonados por um dia inteiro de trabalho, cronicamente insaciados pela monotonia da *upswa* e do repolho diários, abatidos pela perspectiva de ter que regressar a pé às suas suburbanas casas onde nada os espera, além das preocupações do dia seguinte. (MOMPLÉ, 2012, p. 117)

É nessa situação crônica de desesperança que se encontram as personagens do romance, lutando contra a adversidade de cada um de seus destinos. Com isto, fica claro que as vidas de pessoas das classes mais baixas podem ser afetadas por decisões tomadas internacionalmente, no âmbito de uma política da inimizade que institui um exercício de constante agressão no cenário pós-colonial, marcado pelas conturbadas independências dos países africanos e as consequências internas e externas desses atos.

NARRATIVAS PERIFÉRICAS, RELAÇÕES TRANSNACIONAIS: ENTRE MOÇAMBIQUE E ÁFRICA DO SUL

O romance *Neighbours*, alicerçado em uma narrativa de violência crua, lança um olhar atento às agruras da população moçambicana no pós-independência, ao mesmo tempo em que faz um cruzamento transnacional ao trazer, para o palco dos acontecimentos, a presença da África do Sul e de como suas ações atingiam, sobretudo, os sujeitos menos favorecidos do país. Dessa maneira, a partir das experiências de personagens como o casal Leia e Januário, Mena e Dupont e mesmo dos sul-africanos que povoam a obra, é possível alcançar parte das experiências do período pós libertação em toda a sua complexidade. Assim, essa tensa vizinhança geopolítica entre os dois países vai, em linhas maiores, conduzir os acontecimentos em escala micro que se desenrolam na obra.

Segundo discussão empreendida por Mbembe: “Convém dizer que o desejo de *apartheid* e especificamente a fantasia de extermínio não são

propriamente novos e foram-se metamorfoseando ao longo da história, em particular nas antigas colônias de povoamento”. (2017, p. 76). Estas zonas de contato e de grande circulação se tornam, por excelência, caldeirões culturais que proporcionam o nascimento de variados tipos de narrativas de cunho étnico, de classe, de gênero, entre outros, que conformam simbolicamente identidades e imaginários produzidos a partir das relações fundamentadas nas cisões proporcionadas pelo neocolonialismo, racismo, *apartheid*, dentre outros dispositivos. Para Susan de Oliveira:

A produção do outro como uma alteridade absoluta fantasmagórica e ameaçadora está em conformidade com um desejo de domínio que se materializa na proliferação de muros e técnicas de controle, subjugação e separação que lembram o *apartheid* tanto pelo caráter molecular da violência quanto pela monumentalidade da destruição [...] Ao prevalecerem políticas de extermínio que se amparam na disseminação dos diversos níveis de inimizade e desejos de aniquilação do outro face ao perigo que sua presença representa, torna-se mais consistente a ideia de que tal fato é absolutamente perturbador para o psiquismo contemporâneo. (2017, p. 194)

No romance, este outro absolutamente fantasmagórico e ameaçador ganha corpo e voz nas humildes personagens do casal Leia e January e de Narguiss, vítimas da política de extermínio, que desconhece as vivências pessoais das personagens e faz da vida de civis moçambicanos apenas objeto de destruição.

A escala micro que a autora utiliza, enfocando a movimentação individual de cada um dos três apartamentos do romance, também constrói um quadro periférico extremamente complexo da cena urbana da Moçambique dos anos 80, apresentando suas personagens e os temas que as mobilizam. Assim, problemas de ordem infraestrutural da cidade aparecem ao longo do romance, tal como no seguinte trecho: “A princípio, os cortes de energia, que a cidade vem sofrendo já há vários meses, deixavam [Leia] desnorteada e ansiosa” (MOMPLÉ, 2012, p. 19). É nesta cidade carente de infraestrutura para seus habitantes que se desenrolam os atentados que acontecem de forma constante, planejados e executados por sul-africanos, por vezes também com a ajuda de moçambicanos.

Daí, então, observa-se a importância do conceito de “vizinhança”, que se reporta aos vizinhos reais, habitantes do prédio que sofre o atentado em 1985, e aos vizinhos metafóricos, África do Sul e Moçambique, igualmente em conflito direto e constante, mobilizando a economia da obra. Jessica Falconi expõe:

Como *Neighbours* realça, no quadro mais amplo do Oceano Índico, um dos paradoxos gritantes do *apartheid* – surgido para separar – foi de ter unido os destinos de tantos indivíduos de origens distintas que, de facto, colaboraram para desestabilizar as sociedades que emergiam da dominação colonial. (2015, p. 13)

É nesta perspectiva transnacional que africanos de diversas nacionalidades circulam intensamente pelos países do continente, muitas vezes com intenções espúrias de desestabilizar sistemas democráticos instaurados no período pós 1975. Assim, Lília Momplé cria uma história em que os vizinhos que dão título à obra têm suas vidas narradas em uma única noite, fatídica para a maioria deles, em que os acontecimentos se precipitam de maneira a comprometer negativamente o governo moçambicano e, para além disso, destruir vidas inocentes. Na conturbada relação entre Moçambique e África do Sul o que se percebe é um claro exercício dessa política da inimizade que consiste em transformar vizinhos em adversários, em inimigos mortais, aos quais é necessário eliminar. Trazendo para a discussão mais uma vez o olhar de Mbembe sobre a questão, temos a seguinte colocação:

As colónias são semelhantes às fronteiras. São habitadas por “selvagens”. As colónias não estão organizadas num modelo estatal e não criaram um mundo humano [...] Em suma, as colónias são zonas nas quais a guerra e a desordem, figuras externas e internas da política, se alinham lado a lado ou alternam entre si. Em si, as colónias são o local, por excelência, onde os controlos e as garantias da ordem jurídica podem ser suspensos – a zona onde a violência do Estado de excepção está condenada a operar ao serviço da “civilização” (MOMPLE, 2017, p. 127).

Moçambique, mesmo ostentando o *status* de país independente, ainda sofre ataques a partir da lógica neocolonial, que não reconhece sua autonomia e usa da violência como linguagem para manter o controle por meio do terror, instaurando, conforme afirma Mbembe, um estado de exceção que finge operar a serviço da civilização. *Neighbours*, portanto, se propõe como uma ficcionalização de um episódio da história recente de Moçambique e de suas dificuldades. Mesmo tendo que administrar conflitos externos e relações internas complexas, o país oferece esperança a personagens como Mena, que, apesar de toda a tragédia que se abate sobre os vizinhos protagonistas, se vê liberta de um casamento malogrado e recebe, ao fim do romance, uma possibilidade de recomeço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura moçambicana contemporânea se destaca como espaço de significativa importância no nível da representação artística em busca de independência política, econômica e cultural, pondo em cena uma plêiade de escritores e escritoras que reivindicam a “moçambicanidade” e trazem, como mote de sua escrita, temas relacionados à realidade do país, nas suas mais diversas nuances.

Na pesquisa sobre o romance *Neighbours*, de Lília Momplé, nos interessou empreender uma crítica que fosse capaz de dismantelar o dispositivo colonial que insiste em privilegiar uma visão dos países do norte global como grandes protagonistas da história – dispositivo esse que é constituído

por uma série de violências simbólicas, de apagamentos e invisibilizações de narrativas que divirjam de sua perspectiva dominante. Assim, a análise aqui proposta teve como foco discutir a vizinhança geopolítica entre Moçambique e África do Sul, pondo em relevo seus atritos que, muitas vezes, desembocavam em violência e tomando o pós-colonialismo (em sua acepção histórica e teórica) como norte para a análise proposta.

Desse modo, no romance ganha destaque o cotidiano do período pós-independência pintado em cores realistas, proporcionando um panorama dos conflitos que permeavam tanto as relações pessoais quanto o corpo coletivo do país, numa perspectiva que dá protagonismo aos personagens moçambicanos e a suas trajetórias tortuosas, que, apesar disso, merecem destaque na economia da obra, que as interpõem como “vidas que importam” e que, portanto, merecem ser narradas. *Neighbours* explora seus recursos narrativos em prol de retratar o atentado terrorista mote da obra por meio de diferentes perspectivas, privilegiando o olhar de cada uma das personagens que vivenciam esse fato histórico, no período pós-colonial, e explicitando, ao longo de sua narrativa, as políticas da inimizade que norteavam, em larga medida, as relações transnacionais de países vizinhos no período da década de 1980.

REFERÊNCIAS

ALÓS, Anselmo Peres. Memória cultural e imaginário pós-colonial: o lugar de Lília Momplé na literatura moçambicana. *CALIGRAMA*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, p. 137-158, 2011.

BRASIL, BBC NEWS. *Mandela simbolizou resistência contra o apartheid*. Revista Online. BBC News Brasil. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/12/130328_mandela_obit_apartheid_lk. Acesso em 20/04/2020.

DÍAZ-SZMIDT, Renata. As imagens do feminino na obra de Lília Momplé. IN: SILVA, Fabio Mario da (org.). *O Feminino nas Literaturas Africanas em Língua Portuguesa*. Lisboa: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2014.

FALCONI, Jessica. Literaturas africanas, língua portuguesa e pós-colonialismos. IN: BRUGIONI, Elena; PASSOS, Joana; SARABANDO, Andreia; SILVA, Marie-Manuelle (orgs.). *Itinerâncias: percursos e representações da pós-colonialidade*. Minho: EDIÇÕES HÚMUS, 2012.

_____. Maputo, cidade índica: cidade e vida urbana em *Neighbours* de Lília Momplé. *Mulemba*. Rio de Janeiro: UFRJ, V.12, n. 1, pp. 90-104, jan./jul. 2015. ISSN: 2176-381X.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*. 7ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2008.

LEITE, Ana Mafalda. *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*. 2ª ed. Maputo. Imprensa Universitária/Universidade Eduardo Mondlane, 2004.

MATA, Inocência. Estudos pós-coloniais: desconstruindo genealogias eurocêntricas. *Civitas*, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 27-42, jan.-abr. 2014

MBEMBE, Achille. *Políticas da inimizade*. Trad. Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2017.

MOMPLÉ, Lilia. *Neighbours*. Porto: Porto Editora, 2012.

OLIVEIRA, Susan de. Resenha crítica da obra “Políticas da Inimizade”. *REBELA*, v.7, n.1. jan./abr. 2017.

SANTOS, Emanuelle. O pós-colonial entre Norte e Sul: formulações teóricas, implicações políticas na batalha pela ‘arma da teoria’. *Configurações Revista de sociologia* 12 | 2013 EPISTEMOLOGIAS DO SUL: Contextos de Investigação.

SOUSA, Ranier Gonçalves. *Revolução dos Cravos*. História do Mundo. Revista Online. Disponível em: <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/revolucao-dos-cravos.htm>. Acesso em 22/03/2020.

Recebido para avaliação em 29/05/20

Aprovado para publicação em 13/07/20

NOTAS

1 Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Práticas Sociais da Universidade de Brasília (bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão - FAPEMA). Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal do Maranhão. Graduada em Letras - Licenciatura pela Universidade Federal do Maranhão. Professora Assistente da Universidade Federal do Maranhão. Líder do Grupo de Pesquisa Literatura, Alteridade e Decolonialidade (UFMA). Integrante dos Grupos de Pesquisa Historiografia, cânone e ensino (UnB) e Estudos de Paisagem nas Literaturas de Língua Portuguesa (UFF-UFMA). Organizadora do I e do II Colóquio Interdisciplinar de Literatura e Cultura Negra do Baixo Parnaíba (2018-2019).

2 Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração em Literatura pela Universidade Federal do Piauí- UFPI. Professor Assistente do Curso de Linguagens e Códigos da Universidade Federal do Maranhão - UFMA/Campus São Bernardo. Mestre em Letras - Teoria Literária pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA. Graduado em Letras (Português/Espanhol) pela Universidade do Tocantins - UNITINS. Integrante do Grupo de Pesquisa Literatura, Leitura e Ensino da Universidade Estadual do Piauí - UESPI. Vice-Coordenador do Grupo de Pesquisa em Literatura, Alteridade e Decolonialidade - GPLADE - UFMA.

3 O título do livro foi inspirado em uma pintura de autoria da artista plástica Catarina Temporário, intitulada *Neighbours*, fazendo alusão à vizinhança do apartheid sul-africano. Foi escolhido por Momplé quando esta visitava uma exposição, e dialoga com o subtítulo: *Quem não sabe de onde vem, não sabe onde está nem para onde vai*. (MOMPLÉ, 2012).

4 A Guerra Civil Moçambicana foi iniciada em 1977, gerando um contexto de constante conflito político e social entre os dois maiores partidos do país (Frelimo e Renamo), e terminou em 1992 com a assinatura do Acordo Geral de Paz.

5 ANC é a sigla em inglês para Congresso Nacional Africano. Trata-se de um partido político sul-africano criado no início do século XX com o propósito de defender os direitos

da população negra do país. Desde o fim do regime conhecido como apartheid, em 1994, a ANC é o principal partido político da África do Sul e teve em Nelson Mandela sua figura mais influente. No contexto do romance, agentes sul-africanos viajaram para Moçambique com o propósito de cometer assassinatos em retaliação pelo acolhimento dado em Moçambique a membros da ANC, que naquela altura combatia o Apartheid. Em muitos casos o alvo dos ataques eram os *vizinhos* dos refugiados, e não eles próprios. (BBC BRASIL, 2013) Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/12/130328_mandela_obit_apartheid_lk. Acesso em 20/04/2020.

6 A localização destes acontecimentos é indicada pelo nome dos capítulos que se repetem: “Em casa de Narguiss”, “Em casa de Leia e Januário”, “Em casa de Mena e Dupont”.

7 A Revolução dos Cravos, evento acontecido em 25 de Abril de 1974, deu fim ao regime ditatorial salazarista, que durou 41 anos em Portugal. A recusa em conceder independência às colônias africanas estimulou movimentos guerrilheiros de libertação nestas colônias, notadamente em Moçambique, Guiné-Bissau e Angola. A decadência econômica e o desgaste com a guerra colonial provocaram descontentamento na população e nas forças armadas, o que favoreceu a aparição de um movimento contra a ditadura de mais de quatro décadas. Na esteira deste acontecimento, Moçambique acabaria por obter a sua independência em 25 de Junho de 1975, após mais de 400 anos de presença portuguesa nesta região de África. (SOUSA, s/d)